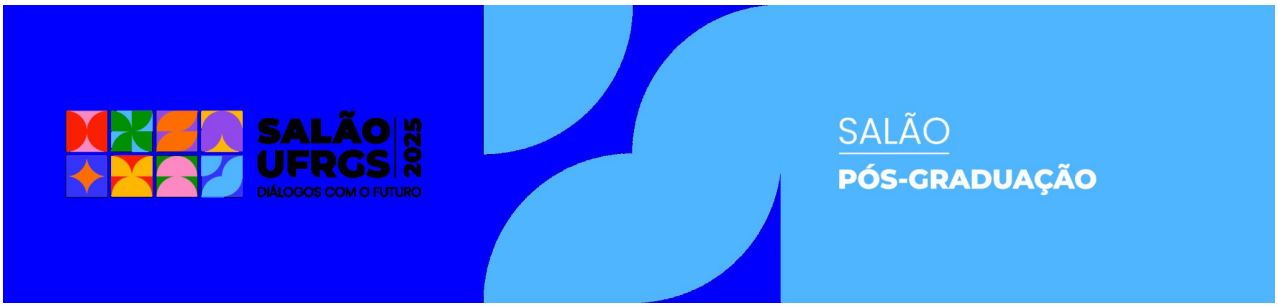


Evento	Salão UFRGS 2025: I SALÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO
Ano	2025
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A apropriação como manifestação de identidade em ocupações
Autor	NATALIA COSTA BOFF
Orientador	DANIELA MENDES CIDADE

RESUMO: Esse trabalho nasce de uma pesquisa de mestrado em andamento, que se inclina a entender os modos de apropriação dos espaços, em particular, nas ocupações urbanas do centro da cidade de Porto Alegre. Parte da hipótese de que, para quem fica à margem do planejamento urbano, o movimento de apropriação dos espaços, vai além de uma maneira de sobrevivência e resistência, mas se torna uma forma importante e potente de construção de identidade e produção do espaço. O estudo parte da ideia de que a cidade é um processo vivido onde os lugares são criados de forma contínua por aqueles que ocupam. O objetivo central é fortalecer o vínculo entre o espaço e seus usuários para avançar em direção a uma arquitetura mais inclusiva, e expandir a compreensão sobre formas alternativas da produção da cidade, reconhecendo as apropriações como fundamentais e transformadoras. Na questão metodológica, a pesquisa orientar-se em 3 eixos principais: (a) levantamento bibliográfico sobre apropriação, pertencimento, cidade, subjetividade, identidade e lugar; (b) observações em campo e registros de práticas urbanas que levam à apropriação dos espaços e; (c) elaboração de narrativas cartográficas, se inspirando em Guy Debord por meio de conceitos da psicogeografia, com aplicação de mapas mentais, que expressem diversos fatores, relacionados ao espaço, ao corpo no espaço, atividades realizadas pelo corpo no determinado espaço, além de aspectos simbólicos e afetivos. A pesquisa procura aproximar-se das práticas extensionistas, construindo conhecimento por meio da troca de saberes e valorizando a integração do saber universitário com o conhecimento popular. Uma atividade extensionista realizada em uma Ocupação, observou que práticas mais sensíveis, ligadas às artes, como uma oficina de andança fotográfica pelo entorno da Ocupação, promoveu uma interação comunitária mais profunda que oficinas focadas na transmissão de saber técnico, a exemplo da marcenaria. Esta comparação surgiu da observação de que, enquanto a marcenaria visava um produto final, que por mais que seria útil; a experiência artística envolveu a percepção e expressão individual, promovendo maior troca, escuta e compartilhamento. Isso demonstra a potência da arte como meio de reconstrução simbólica do lugar, como apontado no texto *A construção do lugar pela arte contemporânea* (TRANQUINO; 2010). Também com base nas discussões da autora, a pesquisa diferencia as abordagens do Espaço (abstrato e quantitativo) e do Lugar (particular e qualitativo, associado à memória e experiência humana). A investigação também é orientada pelas reflexões do livro *Arquitetura e Psique* (HUSKINSON; 2018), que entende que a cidade está distante de ser apenas um composto de infraestruturas, mas é um espaço de trocas emocionais e psíquicas. Entende-se então, que a cidade não é vivenciada apenas como sistema físico e funcional, mas como uma paisagem subjetiva, onde as experiências são atravessadas por memórias, traumas, desejos etc. Segundo a autora, os edifícios moldam profundamente nossa identidade e senso de quem somos, revelando a dimensão inconsciente de nossa relação com o ambiente construído. Essa perspectiva critica diretamente a arquitetura estritamente funcional, que ignora os aspectos subjetivos dessa conexão. Como já mencionado a pesquisa está em construção, e não possui resultados completos. Mas compartilhar e trazer ao debate os primeiros desenvolvimentos, questões norteadoras, abordagem proposta, bem como bases teóricas e metodológicas, são fundamentais, pois impulsiona o avanço do conhecimento na área e abre diálogo importante com a comunidade acadêmica e sociedade. Diante disso, os resultados iniciais indicam a necessidade de práticas arquitetônicas sensíveis às dinâmicas culturais e sociais, afinal, no contexto da vulnerabilidade social, a ressignificação e a apropriação do território pelos moradores não são meros atos cotidianos, mas representam fortes manifestações da luta pelo direito à cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação do espaço; Ocupações urbanas; Construção do lugar.